



EM TEMPOS

Alargada entrevista com Inácio Hernando, ativista do primeiro independentismo moderno: as luitas antinucleares, os projetos armados e o sindicalismo galego desfilam nesta conversa com ele.

CRIAÇOM

Há uns anos, distribuía-se nos campus um panfleto que convidava a descobrir a “polivalência” dos estudos de filologia... Após licenciarse em filologia inglesa na Universidade de Compostela, Alberto Lema trabalhou como moço de armazém, lavador de pratos, empregado de mesa e condutor de camiom. Por sorte, também tivo tempo para escrever romances como *Sidecar* e *Unha puta percorre Europa*, e poemas como o que este mês publicamos na seçom de criaçom.

FICÇONS SOBRE VELO

Derradeira entrega de Xurxo Chirro, que encerra trilogia de artigos sobre a obra *Galicia*, do cineasta galego Carlos Velo, encontrada há relativamente pouco num arquivo de Moscovia. Esta última parte dedica-se, reconhece, à mais pura “ciência ficçom”, a interpretar e especular sobre diversos aspetos do material fílmico localizado em terras russas.

TEMPOS MODERNOS

Vai ganância, não me dê perdas!

Carlos C. Varela

O dito popular que intitula este artigo ilustra bastante bem a ideologia tradicional galega que o capitalismo tivo que derribar para impor a sua visão do mundo e disso que chamam “economia”. A reticência perante negócios que prometem o ouro sem trabalhar, as condenações ao desejo de ganhar mais do que os outros, etc. George Foster cunhara um termo de grande rentabilidade nos estudos antropológicos sobre as ideologias camponesas: a imagem do “bem limitado”.

As culturas camponesas tinham muito interiorizada a ideia de que os recursos disponíveis são limitados, polo que a sua obtenção se mexe no que os teóricos de jogos chamam “jogos de soma zero”: os bens são limitados, e portanto se alguém ganha de mais, a outrem vai-lhe faltar. Como deixara escrito Bertold Bretch, o comunismo não será “a justa distribuição da riqueza, mas da pobreza”. Esta realidade está folclorizada na Galiza através das inumeráveis anedotas sobre marcos das leiras: a terra cultivável não é infinita, se medra a leira dum, diminui a do outro, se eu

ganho ferrados é a conta do vizinho que os perde.

Esta sábia lição esquecida por uma modernidade que nos promete um crescimento sem limites nem perdedores, era recordada na vida diária em múltiplos mitos. Um deles era o das mámoas semantizadas através de inumeráveis lendas de mouros para recordarem-lhe à gente que só com trabalho podiam sobreviver, mas por muito que trabalhassem nunca chegariam a ricos. “Conheciam também –indicam J. C. Bermejo e Mar Llinares– de primeira mão a opção contrária: a obtenção de riquezas sem trabalho, por parte dos rendeiros”. Os tesouros dos mouros recordam o extraordinário de fazer-se rico: só a introdução de um elemento fantástico o podia explicar. No folclore pós-moderno, o achado do tesouro é substituído polo “andar com a droga”. Em qualquer vila pequena do país, o empresário mais poderoso é sempre suspeito de traficar com droga, o qual tem muitas vezes base real, mas polo geral responde à lógica que vimos explicando: é impossível fazer-se rico honrada-

A sábia lição esquecida por uma modernidade que nos prometia um crescimento sem limites nem perdedores, era recordada na vida diária em múltiplos mitos. Um dele era o das mámoas semantizadas através de inumeráveis lendas de mouros

mente, ergo, “anda na droga”.

Perante este “jogo de soma zero” a sociedade tradicional dispunha vários métodos de redistribuição –impostos rituais como a queima de pólvora nas festas ou subastas nas romarias de todo tipo de produtos, que gravavam indiretamente os ricos– e uma forte repressão nos indivíduos da vontade de mobilidade social –“é mui senhorito, que até fala o casteghano”– para evitar chegar a esta sociedade de ganhadores e perdedores que nos impõe o capital.



Forno dos Mouros / Flickr: Koipe



INÁCIO HERNANDO, MILITANTE NACIONALISTA

«Vivíamos totalmente consagrados à militância e todo o resto importava-nos bem pouco»

Antom Santos

O ciclo mobilizador da década de 1970 deixou, em todo o espectro do movimento galego, um pouso muito profundo que marcou umha multidom de militantes. Porém, nom é frequente a transmissão dessas vivências às novas gerações. Menos ainda quando as transmite umha pessoa que se declara fiel aos ideais de antano, refugando todo o transformismo. Falamos longamente com Inácio Hernando, ativista do primeiro independentismo moderno: as lutas antinucleares, os projetos armados e o sindicalismo galego desfilam nesta conversa com o NOVAS DA GALIZA.

Conta-nos como te inicias na causa galega. Nasces em Viveiro e começas a militância muito novo, nom é?

Sim, nasço em Viveiro na década de 50. Os meus pais eram castelâns chegados à Galiza, com umha experiência prévia no País Basco. Daquela eu pouco sei do passado da minha família, apenas intuo cousas. Mas logo intei-rei-me de que meu pai fora comunista, era telegrafista de profissom, e hoje chegamos a pensar que na pós-guerra pudo ser um espiom ao serviço da URSS. Lembro-o fedelhando no rádio quando eu era um cativo.

Entom politizas-te daquela?

Nom, realmente um pouco depois. O primeiro que me chocava é que me crio num ambiente totalmente galegofalante, em Viveiro, mas eu falo castelâm porque a mim me educaram nesta língua. Este é um primeiro contraste que noto. Mas a mudança grande vem com a emigração. Eu tenho um tio no País Basco e manda-me alô, a trabalhar numha oficina de eletricidade. E há cousas que me chamam a atençom: primeiro, os salários mais altos, as boas condições laborais... logo o amor ao país que tenho.

Lembro de sair ao monte com companheiros de alô, ver como defendem o seu idioma... também vivo greves gerais fortes, nas que pára toda a oficina. Ali politizo-me instintivamente.

Quando voltas à Galiza?

Pouco depois, porque me entra umha morrinha tremenda. Volto à terra, embarco-me com dezasseis anos na pesca, e vivo umha situação de escravidom laboral, de desarraigo. Entom fago umha pequena paragem, vou fazer a Gijón os estudos náutico-pesqueiros, e logo si que me instalo de vez na vila, já deviam ser os anos 70.

Som os anos da luta contra a nuclear de Jove...

Som, sim, aí começo a sério. De partida eu conheço gente do Partido Comunista de Viveiro, com os quais vou fazendo cousas. De todas maneiras, como eu tinha umha identidade, um sentido de país, adiro aginha à associação cultural 'Sementeira' e daí passo abertamente ao nacionalismo, que na comarca aquela empenha-se contra os planos nucleares. Aí tem umha importância muito grande para mim Pencha Santamarina, que trabalhava em extensom agrária, e dá-me o contato da UPG. Eu daquela som novo, tenho ganhas de fazer cousas, e estou disposto a tudo.

Passas entom a umha primeira linha militante?

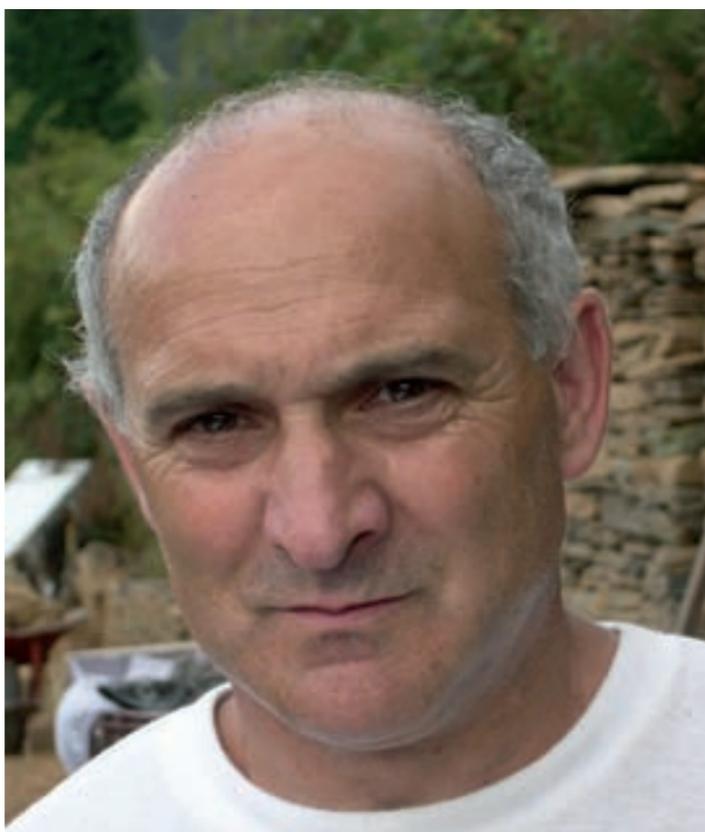
Tudo é muito rápido, porque ademais éramos muito pouquinhos. Primeiro contato com um responsável político, que era Muñiz, que me passa a lista de simpatizantes que o partido tinha em Viveiro. E logo aginha me dam o contato com gente que fazia outras histórias mais sérias. Aí tenho a minha cita com Moncho Reboiras.

Que lembras deste companheiro?

Pois lembro umha pessoa singela, bonachona, com a cabeça muito bem arrumada e muito firme. Eu era algo mais novo, claro, entom via-o muito sério, muito preparado. Na verdade era-o, temperadíssimo, e parece-me que ia a morte por este país.

Entom o teu trabalho na altura é sempre em companhia de Reboiras...

Totalmente. De dia trabalho num talher na Crunha, à noite, evidentemente sem a minha família saber nada, consagro-me no tra-



Inácio Hernando, militante nacionalista

balho clandestino com Moncho, preparando a frente armada. Isto contei-o com detalhe nesse livro que publicou a 'Fundação Bautista Álvarez' sobre Reboiras: trabalhos de propaganda, fornecimento de recursos, planificação de golpes económicos, práticas de tiro...

Pouco depois vem a queda do grupo, nom é?

Pois si, e juntam-se umha série de acasos. Resulta que nós naquela etapa temos um trato intenso com um grupo de militantes bascos, como sabes. E houve fricções, houve discordâncias, porque nós nom tínhamos a sua forma de proceder, nem a secundávamos. Era indiscreta, e nós queríamos preservar a nossa infra-estrutura. Ao final sempre pensamos que a polícia chegara ao nosso andar de Ferrol por causa deles, por seguimentos. E eu esse dia nom estou no andar de Ferrol porque pedim o 'dia livre', tinha a boda dum familiar. Inteiro-me da morte pouco depois.

Como viveste esta morte?

Foi um golpe duríssimo. No dia de dia, quando estás na ação nom te dá conta nem pensas muito nos riscos. Passa-lo mal, andas tenso, mas pensas no país e tiras para diante. Ora, quando tens notícia da morte do companheiro, e o refletas mais a frio, vem o pau. Mas naquela situação, o primeiro era pôr-se a coberto, desaparecer da circulação. Levo algumha decepção grande com camaradas do partido, que me negam cobertura por covardia, e satisfações imensas com certas companheiras sem carné, teoricamente menos comprometidas que os chefes, mas que na realidade me põem a salvo e o fam tudo por mim. Boto umhas semanas, assistido por elas, agochado nos montes da Marinha.

Depois voltas à legalidade e topas outro panorama...

Volto, sim. Nom havia nada contra mim, assim que volto. Contato com algum enlace que tinha, planificamos algumha outra ação do nosso aparelho, mas tudo se esfarela já. Eu quando estava na luta nom sabia realmente quem apoiava e quem nom, tudo era

clandestino, mas depois ficou claro que a intelectualidade tomou o poder no movimento. E já sabes, esta gente nom queria perder o seu status, e tudo se desmantelou.

Continuas o teu compromisso?

Intensamente, mas doutra maneira: contra a central nuclear de Jove, no sindicalismo nacionalista quando se pom a andar a Alúmina... até que em 86, ou em 87, abandono o projeto e vou-me com o PCLN, já nom aturo mais ambiguidades.

Reforma política, logo assentamento da democracia espanhola, consolidação do autonomismo. Como vives este processo?

Mal, vivo-o mal. Laboralmente vivo como um miserável, porque entre os empresários da comarca som muito conhecido e é-me difícil que me deem chance. Monto algum projeto económico cooperativo, com companheiros, mas a minha vida era a militância, nom o afam empresarial, ao contrário que para algum sócio. Entom as dificuldades multiplicam-se, porque a empresa tem dívidas, e eu contraio um compromisso com o banco. Aí é quando o sistema te 'trinca': a trabalhar a oito para saldar a dívida que tens com eles. E o pior de todo é que vês como os ideais polos que pelejaste tanto vam perdendo, e a gente, companheiros teus, miram apenas por salvar-se no pessoal, o outro pouco lhes importa.

Atreverias-te a fazer um balanço da trajetória?

Com todas as grandes decepções que levei, nom mudaria nada nem me arrependo para nada do caminho. O que sucede é que nós vivemos absolutamente para a militância, era o que nos importava: nem lazer, nem economia, nem família nem mais nada. E chega um momento em que começo a atender isto, porque é lei de vida: a estabilizar-me um mínimo, e continuar no que poida o compromisso. Nos momentos difíceis, nos anos 90, assistir aos atos do independentismo e reencontrar-me com os companheiros é a minha pequena alegria.



SEMENTEIRA

Mónica Gonçalves

Tempo de primavera. Para as minhas vizinhas e vizinhos, tempo de arar, de preparar a terra para sementar de novo... com o esterco pronto para a nutrir, os sulcos ao sol... Um rural nom "falto de", mas cheio de recursos, porque a terra generosamente nos dá de comer. E nom apenas isso: cheio de sabedoria na gente, e de alegria para a vista e a alma neste tempo de renovaçom. Por fim! Perséfone regressou junto à sua mae. E na aldeia, trabalhando, celebramos o seu esperado, mágico e frutífero reencontro.



CRIAÇOM

No pólo oposto das construções faraónicas vazias de sentido e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No NOVAS DA GALIZA pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número achegamos um texto literário para

gozarmos das nossas letras, num projecto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para literaria@novasgz.com.

Desde que Alberto Lema publicou o seu *Plan de Fuga* na editora independente Estaleiro, multiplicáram-se-lhe os leitores. Dous romances e um prémio Ánxel Casal depois, visita esta seçom com *Cidadáns*, um texto que fai parte do livro de poemas inédito *Morte da Princesa*.



Cidadáns por Alberto Lema

A princesa nom dá dormido
se a princesa dormisse tudo iria melhor
por que demo nom dorme a princesa?
se a princesa dormisse e logo acordasse tudo iria melhor
é preciso que a princesa durma para depois acordar
se a princesa nom acordar nom haverá maneira
primeiro tem que dormir a princesa
por que nom bicam os lábios do sono as pálpebras da
[princesa?]

por que demo nom dorme a princesa
se dormisse e acordasse tudo iria melhor
tudo iria melhor se acordasse
todos saberíamos se sonhou quando acordasse
a princesa deve dormir e ceder-nos o seu sonho
se a princesa nom dormir nom haverá maneira
alguém sabe quanto tempo pode resistir sem dormir?
a princesa nom sabe dormir
se a princesa nom dormir nunca saberemos o seu sonho
o sonho da princesa contém algo que nos pertence
a princesa quando sonhar saberá se há algo que nos
[pertence]

algo tem que haver que nos pertença
a princesa foi adestrada para lembrar os sonhos
mas a princesa agora esqueceu como se dorme
tivemos verdadeira má sorte com esta princesa
mas os sonhos proféticos namais os tenhem as princesas
algo impede o sono da princesa
algo impede o seu sono
algo no seu caletre nom deixa de mancar
há algo no seu caletre que manca e nom a deixa dormir

algo sucede porque nom dorme
nom dormindo nom há acordar
nom acordando nom há relato do sonho
nom havendo relato do sonho é como se nom sonhasse
mas a princesa foi bem adestrada no tema de lembrar
foi adestrada desde cativa
todos sabíamos que quando medrasse sonharia para nós
ninguém contava com que sucedesse isto
ninguém contava com que nom dormisse
parece mentira, de feito, que nom durma
é possível que a princesa nom sirva
é impossível que a princesa nom sirva
se a princesa nom servisse nom seria princesa
a princesa serve porque é princesa
a princesa dormirá quando nom miremos
está claro que mirá-la nom ajuda
deixai de mirar a princesa!
ao melhor a princesa nom dorme porque a miramos
nom vos preocupar pola princesa
se nom vos preocupais, a princesa dormirá
e lembrará o seu sonho
como todos sabemos há algo no seu sonho que nos
[pertence]

há algo que nos pertence mas nom o sabemos
no seu sonho ela saberá por fim que nos pertence
em sabendo que nos pertence poderemos fazer
fazer, ninguém o duvida, é o que queremos
sem fazer nom seremos nada
ela no seu sonho saberá que algo nos pertence
algo no seu sonho para pertencer

quando a princesa durma sonhará com nós
e quando acordar, dira-nos
se a princesa nom dormir nom haverá sonho
nom aguentará muito mais tempo sem dormir.



De "A Nación e a princesa"
(épica nacional cantada por un idiota). Inédita.

NOTA: A ortografia do texto, cujo original seguia as normas ILG-RAG, foi adaptada com a autorização do autor.



LÍNGUA NACIONAL

Línguas de sobremesa

Valentim R. Fagim

Local: Cantina de umha faculda-
de universitária de Compostela.

Personagens: 3 clientes e umha
empregada.

1º prato

- Para começar que temos?
- *Ensalada de pasta, ensalada
de la casa y calamares
com arroz.*
- Eu queria pasta.

- Eu lulas
- Eu pasta.
- *Entonces son dos de pasta y
una de calamares*
- Som.

2º prato

- *De segundo tenemos rajo y
merluza.*
- Eu rajo.
- Eu também.
- Era possível pedir umha salada
de pasta de segundo?

- *Sin problema. Dos rajos y una
salada de pasta.*
- É.

3º prato

- De sobremesa há algum prato
caseiro?
- Temos arroz com leite. Está
mui bom.
- Pois entom um arroz com
leite.
- Que sejam dous. O caseiro vai
primeiro.
- Tendes fruta?
- Temos, sim. Laranjas, maçás e
platanos.
- Umha maçá.
- Moi bem, dous de arroz com
leite e umha maçá.

**Novo objetivo de planifica-
ção lingüística:** que a nossa
língua apareça nos primeiros
pratos.



CAMPA AUDIOVISUAL

Ficções sobre a Galiza de Velo (e III)

Xurxo Chirro

Agora sim, sem remissão, chega a ciência ficção mais pura. Após descrever o novo material, supostamente da “Galicia” de Carlos Velo, topado em terras russas, é a hora de entrar nas cabalas e nas suposições mais arriscadas.

Há que começar pola duração, e considerar se com a metragem encontrada está todo o filme. Som oito minutos novos que se somam aos oito que já havia. Dezasseis minutos em total com os títulos de crédito de Castelao. Mesmo assim, há que considerar que o filme nom está completo. As novas imagens dam umha estrutura narrativa muito mais complicada (polo menos no projeto pensado por Velo). E também há que dizer que a duração de “Galicia” seria superior aos vinte e um minutos de “Almadrabas” (1935), já que é de aguardar que para Velo seria um projeto mais ambicioso e querido. Outra cousa é a montagem feita por Mantilla.

Neste ponto compre afundar na questom da autoria. Sabe-se que o tandem Velo-Mantilla tinham moito repartidos os seus papeis, o primeiro dedicado à rodagem e o segundo à produção e pós-pro-

dução. Mas “Galicia” está pensada como um grande fresco onde Velo se supom que estaria mais em cima do que nunca sobre todas as fases do projeto. Apesar destas intenções, as contingências históricas levá-lo-iam a renunciar a essa estreita vinculação, já que, depois de estourar a Guerra Civil, Velo começou a sua fuga para o exílio. Esta ausência obrigada motivou que Mantilla fizesse a sua vontade na edição do material filmado.

Muito deste material deveu ser desaproveitado, polo que nom é difícil pensar que Mantilla realizou umha síntese da ideia original de Velo. Este material composto de rushes e descartes deveu permanecer nesse estado latente durante um período bastante longo e nom seria de estranhar que dele fosse feita algumha cópia. Assim, compreende-se que parte do material rodado acabasse noutros filmes como a “Spanija”, de Shub, ou “Saudade/Santiago de Compostela”, de Antonio Román.

Segundo a historiografia, esta última curta-metragem, também desaparecida, centrada em Santiago de Compostela, foi realizada com o material de “Galicia”. Em troca, as referências hemerográficas situam Velo a rodar em Compostela no ano de 1935. Isto



leva-nos a três hipóteses: que Velo puido gravar material de “Galicia” antes do 36 (assim é constatado pelos ciclos da natureza, concretamente a recolha do milho em setembro), que na sua mente desenhara algumha passagem sobre Compostela que complicaria a hipotética estrutura original do filme, e que seria um fragmento ainda por aparecer ou que era a rodagem dum filme independente mas falido e que o material filmado acabou sendo aproveitado por Román.

Para além desta manipulação por parte de Román, sabemos que nalgum ponto este participou na rodagem de “Galicia”. Nom cabe dúvida de que há muitas semelhanças entre as imagens de “O carro e o home” (1941), de Román,

com as imagens do campo de “Galicia”. Nesta fase de suposições, nom seria de estranhar que Xocas, para além de servir de intermediário com Castelao, também participasse no projeto. E já para completar a ficha técnica, fazemos muito perto de Velo o José Suárez, que, quase na mesma altura –segundo a historiografia– estava a filmar, para a Cifesa (o estúdio para quem trabalhavam Velo e Mantilla), o “Santo Graal” do cinema galego: “Mariñeiros”.

Portanto, vemos como em torno de “Galicia” estavam a gravitar todos o documentalistas ourensáns que emergêrom durante a República. Para além desse caráter matricial de “Galicia”, o mais revelador das novas imagens é que mostram umha grande influência

de Suárez em Velo. As novas imagens parecem imagens em movimento das séries fotográficas (a dos marinheiros, feirantes e oleiros) realizadas com antecedência polo fotógrafo de Alhariz. Também se sabe que estas imagens de “Galicia” fôrom filmadas em Bueu (dado revelado polos fólhos das dornas), onde Suárez primeiro realizou as fotografias e, posteriormente (e supostamente), filmou “Mariñeiros”. As rodagens dos dous filmes coincidírom no tempo (junho de 36) e no lugar (Bueu). Neste ponto, as suposições voltam a disparar, apontando a que “Mariñeiros” e “Galicia” estariam relacionados dalgum jeito. “Mariñeiros” nom será umha parte de “Galicia”? “Mariñeiros” nom seria um filme feito com os descartes de “Galicia”? Suárez nom seria o diretor de fotografia de “Galicia”? Velo nom aproveitaria material de Suárez?

Em definitivo, e agora já sim, a nova metragem topada de “Galicia” corrobora o facto de que o material filmado por Velo estivo sujeito a muitísimos condicionantes. Depois, esse material evoluiu baixo o peso de inumeráveis circunstâncias, fazendo deste feito filmico umha espiral de interrogações que retroalimenta, de jeito desmedido, a sua aura mítica.